

PEQUENA LEMBRANÇA DE UM GRANDE MESTRE

Sílvio Elia
UFF

Em 1936 começou a funcionar no Rio de Janeiro a Universidade do Distrito Federal, semente áurea do que viriam a ser no Brasil os cursos superiores de Letras, e Ciências Humanas em geral. Como não dispuséssemos de professores especializados nessa área, com formação universitária, embora em certos domínios, como o da língua portuguesa, pudéssemos contar com autodidatas de extrema competência, foi o eminente acadêmico Afrânio Peixoto, a quem tanto deve a alta cultura brasileira, encarregado de ir buscar na Europa, fonte generosa de nossos saberes, mestres que preparassem continuadores de seu mister acadêmico. Da maneira como se houve tão notável homem de letras é testemunho a subida de categoria dos representantes da inteligência do Velho Mundo que nos trouxe: Émile Bréhier, professor de História da Filosofia da Universidade de Paris (Sorbonne); Eugène Albertini, professor de Civilização Romana no Colégio de França; Henri Hauser, professor de História Econômica dos Tempos Modernos e Contemporâneo nas Universidades de Clermont-Ferrand, Dijon e Paris; Henri Tronchon, professor de Literaturas Modernas Comparadas, na Universidade de Estrasburgo; Gaston Leduc, professor de Economia Política nas Universidades de Caen e Ruão; Etienne Souriau, professor de Estética, nas Universidades de Aix-en-Provence e Lião; Jean Bourciez, professor de Filologia Românica na Faculdade de Letras de Montpellier; Jacques Perret, professor de Língua e Literatura Latinas na Universidade de Montpellier; Pierre Deffontaines, professor de Geografia nas Faculdades Católicas de Lille; Robert Garric, professor de Literatura na Faculdade de Letras de Paris. Para a cadeira de Língua Portuguesa os organizadores da Universidade do Distrito Federal tiveram a feliz inspiração de convidar o professor do Instituto de Educação do Distrito Federal, Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira, mestre insigne, louvado e admirado por discípulos e colegas.

Os cursos da UDF eram homólogos dos cursos normais, isto é, os cursos normais preparam os professores de ensino primário e os cursos da UDF faziam o mesmo para os professores de ensino secundário, ambos destinados às

escolas municipais (o Rio de Janeiro, cidade, era a base física do Distrito Federal). Como desejasse seguir a carreira do magistério e o nível do corpo docente muito me atraísse, matriculei-me no primeiro ano do curso de Letras de UDF. Foi então que tive o privilégio de ser aluno de Sousa da Silveira. Embora a cadeira fosse de Língua Portuguesa, as aulas, na realidade, melhor se chamariam de Filologia Portuguesa. Gramática do Idioma, Sousa da Silveira lecionava, com a segurança de sempre, no Instituto de Educação. Para nós, mostrava a dinâmica da língua em formação, na certeza de que o passado explica o presente. Partia do latim, língua que conhecia solidamente, tanto na feição clássica quanto na vulgar, e, desse tronco, vinha acompanhando com desvelo os galhos históricos que iriam constituir a família românica: o português língua-base, o espanhol, o francês, o italiano. Sousa da Silveira não desvinculava língua de literatura: partia dos textos medievais portugueses (textos de línguas-irmãs conhecia-os até de cor) e nos ia revelando a surpreendente regularidade dessa evolução, a ponto dos filólogos terem cunhado a expressão “leis fonéticas”. E isso com simplicidade, clareza, invejável domínio da matéria e, traço do seu ilibado caráter, inteiriça probidade intelectual. Os alunos (e alunas) seguiam-lhe fielmente os passos, cada qual querendo ser o discípulo amado.

Em 1939, com o deflagrar da 2ª Guerra Mundial, os professores estrangeiros tiveram de retornar à pátria, em defesa da sua soberania ameaçada. E, em 1940, convertia-se a Universidade do Distrito Federal em Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Aí tive um segundo privilégio: o de ser professor auxiliar do Catedrático Sousa da Silveira. Já eu era então professor do ensino médio da Prefeitura do Distrito Federal. Infelizmente só pude auxiliar o inesquecível mestre, na medida das minhas modestas forças, durante um ano. É que, arbitrariamente, o DASP, senhor irrecorrível da administração pública federal, resolvera reclassificar-nos como professores assistentes, reduzindo os nossos vencimentos, que, obviamente, não eram pingues. Protestei, pois havíamos assinado um contrato, com a duração de três anos. Disseram-nos então que o contrato poderia ser revogado unilateralmente... Indignado, resolvi voltar para o meu posto na Prefeitura. Tive, porém, um grande consolo: sucedeu-me o professor Gladstone Chaves de Melo, que outra coisa não fez senão ministrar a boa doutrina e dar o exemplo de mestre culto, justo e honrado.
